

O TÊNIS DE CAMPO COMO UMA POSSIBILIDADE PARA AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

GEOVANE KRÜGER

Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo | Propusemo-nos a estudar a concepção crítico-superadora aliada ao ensino do tênis de campo. Apresentamos uma nova modalidade esportiva aos alunos, com a intenção de popularizar este esporte nas camadas sociais de menor poder aquisitivo tentando situá-los e qualificar o conhecimento sobre a realidade em que vivem. Utilizamos uma sala informatizada para consultas na internet e material de mini tênis durante as práticas com exercícios lúdicos, atividades em duplas focadas no controle de bola e jogos de cooperação, oposição e socialização. A forte presença do futebol nas aulas foi um grande obstáculo para o ensino de outra modalidade. É necessária uma intervenção mais eficiente na cultura da Educação Física desta escola, buscando mudar a visão que os alunos possuem da disciplina.

Palavras-chave | Educação Física, Tênis de Campo, Escola.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência objetiva apresentar as atividades desenvolvidas durante o Estágio Supervisionado.¹ Apresentar conhecimentos sobre tênis é de grande importância, sendo esta prática uma opção quase que rara no âmbito escolar público, provavelmente pela dificuldade em estruturas que possibilitem desenvolver este esporte ou por não ser direcionado à realidade das escolas públicas.

1. Disciplina do sexto semestre do curso de Licenciatura em Educação Física - UFSC, supervisionada pelo prof. Dr. Fábio Machado Pinto. Sendo uma prática investigativa e formadora, o estágio é de fundamental importância para a formação acadêmica do aluno, pois oferece ao mesmo uma aproximação com sua futura área de atuação.

A escola possui um espaço privilegiado se comparado a outras escolas públicas. É um espaço amplo, com muitas árvores, flores e grama, além de um local muito tranquilo. Muito bem organizada em seus espaços, encontramos um ginásio coberto com uma quadra poliesportiva e arquibancadas, um mezanino no mesmo local com uma mesa de tênis de mesa e vestiários para os alunos. Também existe uma quadra poliesportiva, sem cobertura, que não se encontra em bom estado.

A turma de oitava série era composta por 25 alunos, sendo 12 meninas e 13 meninos e a faixa de idade da turma ficava entre 14 e 16 anos. Eles tinham três aulas semanais de Educação Física, sendo que cada aula tinha 45 minutos de duração. A turma sofreu com a troca de professores durante o ano, ao todo tiveram três professores substitutos e ainda dois estagiários. Este provavelmente foi um dos fatores determinantes na criação da identidade das aulas de Educação Física, pois com as trocas de professores não houve tempo para que um dos professores conseguisse instituir a sua filosofia de trabalho, os alunos acabaram definindo um modelo, com base no qual eles se achavam no direito de comandar e conduzir as aulas. Os alunos sentiam uma necessidade de atividades diferenciadas e divertidas, pois quando essas aconteciam existia uma participação e aceitação de praticamente toda a turma.

As aulas seguiam uma rotina, na segunda-feira era dia de vôlei, na quinta-feira do futsal e na sexta-feira do handebol e caso chovesse na sexta, os meninos iam para o mezanino do ginásio jogar tênis de mesa. A autoexclusão entre as meninas era frequente: uma apareceu apenas duas vezes durante os dois meses, cinco dificilmente participavam e ficavam sentadas nas arquibancadas. Perguntei às alunas porque elas não participavam: “eu participei uma vez da aula e fiquei muito cansada depois e por causa disso não participo mais”. Também não havia cobrança dos professores para que elas participassem ou algum outro tipo de trabalho para suprir a não participação. Havia uma participação maior das meninas quando tinha atividades diferenciadas, como estafetas, queimada. Tirando o fato descrito acima, era fácil interagir com as meninas, elas gostavam de conversar, quando questionadas sobre determinado assunto

dialogavam a respeito. Os meninos participavam de praticamente todas as atividades e apenas um não gostava de jogar futsal e quando este não participava, estava com uma bola de basquete ou vôlei fazendo outras atividades, normalmente com duas ou três meninas.

Eles são apaixonados pelo futsal e o fato de não fazer esta atividade ao menos uma vez na semana (pelo menos 15 minutos) se tornava motivo de revolta. Na semana seguinte, quando chegavam à aula já vinham perguntado: “hoje é futsal né?”, e quando respondíamos que não, escutávamos frases como: “ah, vocês tão de sacanagem”, “de novo essa porcaria de tênis”, “eu não vou jogar isso de novo”, “por que tenho que fazer tênis, não me serve pra nada”. Apesar do bom convívio e união entre todo o grupo dos meninos, durante as partidas de futsal as equipes aparentemente eram pré-estabelecidas e só ocorriam mudanças quando o professor formava as equipes.

Vários meninos traziam junto para as aulas de educação física um tênis de futsal, outros jogavam com seus tênis que não são próprios para tal modalidade. Quase todos os meninos faziam as atividades usando calça ou shorts jeans. O mesmo acontecia com as meninas, quase todas usavam calça jeans durante as atividades, algumas jogavam de chinelo e até mesmo com fones de ouvido.

Dentre os meninos havia um que tinha certo “comando” sobre a turma, provavelmente por ser um dos mais fortes. Além disso, ele era um dos alunos mais atenciosos e amigáveis da turma, sendo que todos gostavam dele pelo seu jeito de ser e por isso o respeitavam. Havia outro aluno que também se achava no direito de “comandar” a turma e a aula. Este menino era temido pelos colegas. Ele era menor e mais fraco que os demais meninos da sala, por isso poucos eram os que realmente o respeitavam. Um outro aluno apresentava os melhores questionamentos e causava os melhores debates a respeito de assuntos em que ele (ou a turma) não estavam de acordo em relação ao que estava acontecendo nas aulas ou até mesmo na escola.

Os maiores problemas encontrados estavam relacionados a dois alunos. Estes demonstravam muito desrespeito com os professores e

com os colegas, gostavam de tumultuar as aulas e quando o tema da aula não os agradava, dificilmente participavam. Houve até um momento de discussão com o diretor da escola em uma das aulas no qual um acabou sendo suspenso por três dias. Este ocorrido foi em nossa sexta intervenção: ao chegar ao ginásio os alunos já demonstraram que não estavam a fim de participar da aula. As meninas ficaram sentadas nas arquibancadas e os meninos foram ao mezanino jogar tênis de mesa. Numa tentativa de trazer os meninos à quadra para o início da aula, meu parceiro de estágio tentou conversar com eles, vendo que não adiantava tentou pegar a bolinha de tênis de mesa dele e os mesmos o deixaram de bobinho, vendo o ocorrido, me desloquei até lá e pedi que os mesmos fossem para a quadra. Neste momento, os dois alunos citados acima começaram a falar alguns palavrões tentando se impor, onde algumas frases mais simples foram: “saí daqui seu ..., você acha que é o que, acha que manda aqui nas aulas, que vai obrigar a gente a jogar?” Sabendo que não adiantaria discutir com eles, chamei o diretor da escola e expondo o ocorrido ele tentou intervir, mas os mesmos se mostraram incomunicáveis, agredindo verbalmente até mesmo o diretor, o qual suspendeu um deles no mesmo instante.

O TEMA DAS AULAS

Para o período de intervenções foi desenvolvido um módulo de ensino voltado à introdução do tênis de campo através do mini tênis.² O tema tênis foi escolhido por que esta é a minha área de conhecimento, pesquisa e trabalho. A intenção de cursar educação física se deu justamente por causa do tênis. Segundo, por que a escola já possuía este material. Assim sendo, aproveitamos estes dois fatores, além da vontade de trabalhar algo diferente nas aulas para desenvolver o módulo através do mini tênis.

A ideia central é popularizar o tênis, torná-lo acessível e, principalmente, difundir a cultura do tênis. A melhor maneira de realizar isto

2. Com a utilização dos materiais do Projeto Tênis Júnior, o qual foi desenvolvido em parceria entre o Núcleo de Estudos em Tênis de Campo (NETEC/UFSC) e a empresa Guarani Materiais Esportivos

é levando o tênis às escolas. (DIAS; RODRIGUES, 2009). Para que fosse possível desenvolver esse trabalho, foram desenvolvidos materiais de baixo custo como parte de um processo de inclusão social. Propusemo-nos estudar a concepção crítico-superadora aliada ao ensino do tênis, objetivando trazer à realidade dos alunos o conhecimento de desta modalidade esportiva de forma a popularizá-lo nas camadas sociais de menor poder aquisitivo. Assim tentamos situar este esporte na realidade social em que vivem e qualificar o conhecimento do aluno sobre esta realidade.

De acordo com esta concepção, a Educação Física escolar deve selecionar e organizar seus conteúdos de forma coerente, objetivando viabilizar a leitura da realidade pelo aluno, estabelecendo laços concretos com projetos políticos de mudanças sociais. Apresentar o conteúdo ao aluno para que ele estabeleça um diálogo entre este tema e a realidade e, conseqüentemente, torne-se mais crítico. (OLIVEIRA, 2007)

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS AULAS

Nosso objetivo foi o de socializar o jogo de tênis, trabalhar noções básicas sobre seus golpes, introduzir aspectos culturais do jogo de tênis, história, regras, torneios e expor os principais jogadores brasileiros e mundiais. Trabalhar o espírito de cooperação com seu companheiro para que ambos possam evoluir conjuntamente no aprendizado da modalidade.

As primeiras aulas foram planejadas com atividades lúdicas e estafetas para que os alunos se adaptassem e conhecessem o material, além de aprender sobre as empunhaduras utilizadas para segurar uma raquete de tênis, desenvolver o controle no contato bolinha-raquete, se auto descobrir em suas habilidades motoras e capacidades, etc.

Trabalhamos nestas aulas atividades de arremesso de bolinha, em forma de estafeta, por sob os ombros com o objetivo dos alunos desenvolverem o movimento utilizado no saque. Nesta atividade os alunos eram divididos em dois grupos e cada grupo deveria cuidar um lado da quadra, em cada meia quadra foi espalhado um número igual de bolinhas e a brincadeira consistia em deixar o menor número possível de bolinhas

na sua quadra, cada aluno só poderia arremessar um bolinha por vez para o outro lado e sempre fazendo o movimento de arremesso por sobre a cabeça. Corridas de agilidade e controle, onde os alunos tinham que ir quicando a bolinha na raquete sem deixar cair por um determinado trajeto, ou quicando a bolinha no chão com a raquete, entre outras variações e tipos de atividades.

Nas aulas seguintes o objetivo foi focado para a aprendizagem básica dos golpes de *forehand*, *backhand* e saque. Os alunos deveriam trabalhar em duplas golpeando a bola um para o outro, exercitando a cooperação com seu companheiro e o controle do golpe, sempre utilizando o recurso de dominar a bolinha na raquete antes de executar o golpe, mas isso dificilmente ocorreu. De aproximadamente 10 duplas que eram formadas nas aulas, uma ou duas tentavam executar os golpes como solicitado, realizando os domínios e cooperando com o seu companheiro, enquanto os demais tentavam golpear a bola da maneira que ela vinha para eles, sendo que muitas vezes nem conseguiam acertar na raquete. Também sempre tinha uma ou duas duplas de meninos que ficavam competindo para ver quem conseguia golpear a bolinha mais forte. Os minutos finais eram reservados para a realização de jogos de cooperação e oposição podendo-se utilizar domínios antes de golpear a bolinha. Neste momento, mais duplas participavam da atividade, pois neste caso a competitividade estava envolvida na atividade e os motivava.

No início de cada aula sempre era feita uma conversa sobre a aula anterior, buscando lembrar quais eram os objetivos e o que foi trabalhado, em seguida, era apresentado o tema da aula buscando explicar e problematizar questões relacionadas as relações de poder, interesse e esforço, dedicação, a leitura da realidade a cerca do tênis e a tentativa de popularização do mesmo em classes de menor poder aquisitivo. No final da aula novamente realizávamos uma conversa buscando enfatizar quais foram os objetivos da aula e aproveitando os ocorridos durante a mesma para mostrar a importância da cooperação para a realização das atividades. Por exemplo, citamos a nossa quarta intervenção onde começamos a trabalhar com o golpe de *forehand*, e pedimos aos alunos

que, antes de golpear a bola para seu colega, que efetuasse um, ou mais, domínios da bolinha com a raquete até ter controle da situação para aí sim executar o golpe. A maioria da turma não fez o pedido, tentando sempre executar os golpes diretamente. Como resultado, passaram grande parte da aula juntando a bolinha no chão em vez de praticar o golpe. Esse foi um ponto importante para a conversa no final da aula, onde efetuamos perguntas como: “O que foi pedido para ser feito durante a execução dos golpes mesmo?”; “E por que vocês não estavam conseguindo executar os golpes?”; “Então por que é importante efetuar os domínios antes?”, e conforme eles iam discutindo entre si as respostas, inseríamos novas perguntas para instigar.

Foi utilizado o laboratório de informática para buscas e consultas na internet a respeito da modalidade para o preenchimento de um questionário, elaborado de forma a situar os alunos na sua realidade social e a realidade que envolve o tênis de campo em todos os aspectos. Neste questionário, colamos perguntas como: “qual o preço de uma aula de tênis?”, “quais os principais jogadores da atualidade?”, “qual a premiação paga pelos principais torneios?”, perguntas a respeito do custo de uma raquete, bolinhas, encordoamentos, tênis específicos para a modalidade, roupas, acessórios, etc. e, quanto eles achavam que um jogador juvenil gastaria por mês para treinar, competir, etc. A partir dos resultados encontrados, foi possível situá-los melhor dentro da realidade da modalidade e muitos ficaram impressionados com os valores encontrados.

Como métodos de avaliação, utilizou-se a participação nas atividades propostas, participação dos debates gerados durante as conversas, realização das atividades propostas no laboratório de informática, entrega de relatos das aulas para os alunos que não participavam das atividades práticas e uma pequena avaliação final com questões sobre o que foi trabalhado em aula envolvendo o tênis de campo.

OS PROBLEMAS ENCONTRADOS

Com base nas aulas, a forte presença do futebol como praticamente única modalidade esportiva nas aulas foi um grande obstáculo. Nas primeiras intervenções tivemos uma aceitação e participação de

praticamente toda a turma, onde os alunos doavam-se com vontade nas atividades, chegando ao ponto de após 30 minutos de aula muitos desistirem devido ao cansaço.

No entanto, a partir da quinta intervenção começaram a surgir as rejeições e fortes protestos, motivadas pela ausência do futsal e pela presença somente do tênis. Neste dia (quinta aula), ao chegarmos no ginásio apenas 5 alunos vieram para participar da aula, os demais ficaram sentados na arquibancada ou foram ao mezanino para jogar tênis de mesa. Quando foram chamados para vir participar da aula começou a reclamação e os protestos. Não querendo discutir com os alunos, chamamos o diretor da escola o qual teve grande dificuldade, o que inclusive acabou com um aluno sendo suspenso por três dias. Os demais alunos depois da discussão acabaram indo participar das atividades, mas sem vontade nenhuma.

Depois desse ocorrido viemos a ter aula com eles somente depois de 10 dias, pois tivemos feriados, encontro de formação na escola e viagem dos alunos nesse meio tempo. Essa pausa acabou esfriando os ânimos, os alunos voltaram menos revoltados e também sem muita disposição para continuar a participar das aulas. Aproveitamos essa pausa também para repensarmos nosso planejamento e nossas aulas e como prosseguir após tais ocorridos. Percebemos então que não adiantaria prosseguirmos na tentativa de aprendizagem dos golpes através da cooperação entre eles, pois isso não os motivava, era necessário algo que envolvesse a competitividade. A partir destas reflexões, resolvemos implementar atividades de estafetas e que tivessem alguma competitividade, atividade esta em que tivemos sucesso em nossas primeiras aulas e na qual os alunos demonstravam interesse.

Na sequência houve uma aula onde ocorreu um debate muito produtivo e alguns alunos se revelaram muito bons na formulação das críticas. Isso demonstrou também que se tivéssemos interagido antes com os alunos, buscando elementos propostos por eles para inserir no planejamento de nossas aulas, poderíamos ter alcançado um sucesso maior. Avaliamos que dirigimos as aulas em todo o processo e com poucas

situações de diálogo. Esse debate foi muito benéfico, pois conseguimos criar novamente um ambiente com os alunos e através das explicações deles como: “mas tá muito chato assim, não tem graça ficar batendo a bolinha um para o outro”, “esse material é muito ruim, nem parece nada com raquete de tênis”, “tem que ter rede, corda como rede é ridículo, como vocês querem colocar outra modalidade na escola se nem tem material que presta”; pudemos definir o rumo das últimas aulas.

Com exceção do que ocorreu nas aulas e as dificuldades encontradas, observamos que grande parte das dificuldades que nós professores encontramos atualmente nas escolas em lidar com a aceitação dos alunos ocorre principalmente pelos mesmos não estarem mobilizados. As famílias sabem da importância escolar, mas estão também cada vez menos mobilizadas. Parece que para grande parte dos alunos a escola é vista como uma obrigação, como se fosse um castigo, sem ao menos ver sua contribuição para o seu futuro. Muitos alunos trabalham ou gostariam de estar trabalhando em vez de estar ali “perdendo seu tempo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível trabalhar o tênis nas escolas, mas é preciso rever a forma como o mesmo deve ser trabalhado, desenvolver novos meios e técnicas. No início de nossas aulas focamos bastante no conhecimento do material, controle, movimentos corporais que envolvem a modalidade sempre através de atividades lúdicas e estafetas, o que é uma boa maneira de se trabalhar na escola, mas o que também é bastante utilizado em escolinhas de tênis.

A partir do momento que passamos a trabalhar os tipos de golpes do jogo de tênis, focamos muito na técnica e nossas aulas ficaram muito semelhantes à didática utilizada em escolinhas, nesse ponto começamos a ter a rejeição dos alunos, pois as aulas perderam o atrativo inicial que impusemos o qual envolvia atividades competitivas e divertidas, sendo isto que os alunos procuram nas aulas. A maior dificuldade de se trabalhar um esporte individual na escola é a falta de espaço com a qual os professores de educação física têm disponível para tantos alunos. Além disso, fica complicado dar atenção para cada aluno num esporte individual, diferentemente de um esporte coletivo. Aliado a isso, encontramos a

impaciência dos alunos e a resistência dos mesmos para aguardar alguns minutos esperando pela sua vez para jogar. A falta de material é outro fator que dificulta, no caso, se disponibilizássemos mais mini redes, seria possível que todos os alunos praticassem ao mesmo tempo, pois poderíamos diminuir os espaços e aumentar a quantidade de mini quadras.

Mas ainda assim, conseguimos grandes resultados. Por ser um esporte individual e com implementos, torna-se muito mais difícil contemplar e auxiliar uma grande quantidade de alunos e conseguimos realizar isso com uma turma de 24 alunos. Se compararmos esse número a escolinhas de tênis onde dificilmente um professor trabalha com 8 alunos, obtivemos grande êxito.

Através do estágio podemos observar o quanto as aulas de educação física estão desvalorizadas nas escolas, sem uma identidade. As concepções existentes na área são ignoradas nas escolas, isso se deve principalmente ao fato das mesmas praticamente não serem exploradas durante toda a graduação, exceto na disciplina de estágio.

REFERÊNCIAS

DIAS, J. M.; RODRIGUES, O. A. F. O Tenis nas Escolas: Uma Prática Apropriada à Cultura Escolar. In: BALBINOTTI, C. (Ed.). **O Ensino do Tenis: Novas Perspectivas de Ensino**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 61-79.

OLIVEIRA, R. S. DE. **O Jogo na perspectiva crítico-superadora**. Campinas, SP: [s.n.].

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. [S.l.] Cortez, 1992.

Recebido: 03 junho 2013

Aprovado: 23 julho 2013

Endereço para correspondência:

Geovane Krüger

Servidão Valdomiro José Vieira, 341

Campeche

Florianópolis – SC

CEP: 88063-035

geovanek@gmail.com